

Vol 7 Issue 2 Nov 2017

ISSN No : 2249-894X

*Monthly Multidisciplinary
Research Journal*

*Review Of
Research Journal*

Chief Editors

Ashok Yakkaldevi
A R Burla College, India

Ecaterina Patrascu
Spiru Haret University, Bucharest

Kamani Perera
Regional Centre For Strategic Studies,
Sri Lanka

Welcome to Review Of Research

RNI MAHMUL/2011/38595

ISSN No.2249-894X

Review Of Research Journal is a multidisciplinary research journal, published monthly in English, Hindi & Marathi Language. All research papers submitted to the journal will be double - blind peer reviewed referred by members of the editorial Board readers will include investigator in universities, research institutes government and industry with research interest in the general subjects.

Regional Editor

Dr. T. Manichander

Sanjeev Kumar Mishra

Advisory Board

Kamani Perera Regional Centre For Strategic Studies, Sri Lanka	Delia Serbescu Spiru Haret University, Bucharest, Romania	Mabel Miao Center for China and Globalization, China
Ecaterina Patrascu Spiru Haret University, Bucharest	Xiaohua Yang University of San Francisco, San Francisco	Ruth Wolf University Walla, Israel
Fabricio Moraes de Almeida Federal University of Rondonia, Brazil	Karina Xavier Massachusetts Institute of Technology (MIT), USA	Jie Hao University of Sydney, Australia
Anna Maria Constantinovici AL. I. Cuza University, Romania	May Hongmei Gao Kennesaw State University, USA	Pei-Shan Kao Andrea University of Essex, United Kingdom
Romona Mihaila Spiru Haret University, Romania	Marc Fetscherin Rollins College, USA	Loredana Bosca Spiru Haret University, Romania
	Liu Chen Beijing Foreign Studies University, China	Ilie Pinte Spiru Haret University, Romania
Mahdi Moharrampour Islamic Azad University buinzahra Branch, Qazvin, Iran	Nimita Khanna Director, Isara Institute of Management, New Delhi	Govind P. Shinde Bharati Vidyapeeth School of Distance Education Center, Navi Mumbai
Titus Pop PhD, Partium Christian University, Oradea, Romania	Salve R. N. Department of Sociology, Shivaji University, Kolhapur	Sonal Singh Vikram University, Ujjain
J. K. VIJAYAKUMAR King Abdullah University of Science & Technology, Saudi Arabia.	P. Malyadri Government Degree College, Tandur, A.P.	Jayashree Patil-Dake MBA Department of Badruka College Commerce and Arts Post Graduate Centre (BCCAPGC), Kachiguda, Hyderabad
George - Calin SERITAN Postdoctoral Researcher Faculty of Philosophy and Socio-Political Sciences Al. I. Cuza University, Iasi	S. D. Sindkhedkar PSGVP Mandal's Arts, Science and Commerce College, Shahada [M.S.]	Maj. Dr. S. Bakhtiar Choudhary Director, Hyderabad AP India.
REZA KAFIPOUR Shiraz University of Medical Sciences Shiraz, Iran	Anurag Misra DBS College, Kanpur	AR. SARAVANAKUMAR LAGAPPA UNIVERSITY, KARAIKUDI, TN
Rajendra Shendge Director, B.C.U.D. Solapur University, Solapur	C. D. Balaji Panimalar Engineering College, Chennai	V. MAHALAKSHMI Dean, Panimalar Engineering College
Awadhesh Kumar Shirotriya	Bhavana vivek patole PhD, Elphinstone college mumbai-32	S. KANNAN Ph.D , Annamalai University
	Awadhesh Kumar Shirotriya Secretary, Play India Play (Trust), Meerut (U.P.)	Kanwar Dinesh Singh Dept. English, Government Postgraduate College , solan

More.....

Address:-Ashok Yakkaldevi 258/34, Raviwar Peth, Solapur - 413 005 Maharashtra, India
Cell : 9595 359 435, Ph No: 02172372010 Email: ayisrj@yahoo.in Website: www.oldror.lbp.world



RELAÇÕES RACIAIS E DE GÊNERO NA TRAJETÓRIA DE LÉA GARCIA NO TEMPO DO TEATRO EXPERIMENTAL DO NEGRO (1952-1957)¹ *

(Gender and racial relationships at Léa Garcia's Trajectory of the Teatro Experimental do Negro – TEN (Black people's Experimental Theater - TEN) in 1952-1957 (Brazil))



Júlio Cláudio da Silva¹ and César Aquino Bezerra²

¹Professor Adjunto do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

²Acadêmico do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas.

ABSTRACT

This article will examine some aspects of the History of the Black Movement, specifically Teatro Experimental do Negro (TEN), not from their male leaders, but the trajectory of theater, film and television actress, Léa Garcia. Léa Garcia was born in 1933, in Rio de Janeiro, and began her artistic performance with TEN shows mounted to report racism in Brazilian stages. After being professionalized she follows the career of actress of theater, cinema and television until the present day. For the elaboration of this article we analyze the clippings from periodicals donated by the Afro-Brazilian Institute of Research and Studies (IPEAFRO-RJ) to the Group of Historical Studies of Amazonas - University of the State of Amazonas (GEHA/UEA).

KEY-WORDS: Race, Genre, Léa Garcia, Teatro Experimental do Negro.

1. INTRODUÇÃO

São os artistas profissionais negros personagens históricos relevantes para iluminar a



Figura 1- Léa Garcia. Atriz.
Fonte: black women of Brazil, 2017.

contribuição social, cultural, econômica e política do negro na formação histórica e social brasileira, como determina a Lei 10.639/03? Pretendemos responder a essas e outras perguntas e verificar as possibilidades de realização do estudo da História da luta dos negros no Brasil, resgatando a contribuição do povo negro na área social, econômica e política e pertinentes à História do Brasil, a partir da trajetória da atriz Léa Garcia. Parece ser original e relevante uma análise histórica da contribuição de atores egressos do Teatro Experimental do Negro, em especial, as atrizes Ruth de Souza e Léa Garcia, no processo de criação e ampliação da presença de atores, personagens e temáticas negra nos palcos brasileiros. Ao mesmo tempo buscamos

iluminar as relações raciais no universo das artes cênicas no Brasil em face da conjuntura política das décadas de 1950.

De acordo com Petrônio Domingues, a História do Movimento Negro, pensada a partir das principais fases da História da República Brasileira, possui muitas lacunas. Em todo o período republicano, o movimento negro esteve bastante ativo, talvez por isso diversas ações ligadas ao ativismo negro sejam ainda pouco pesquisadas (DOMINGUES, 2007, p. 101). Nesse sentido parece ser uma abordagem inovadora a História do Movimento Negro, no caso específico do Teatro Experimental do Negro, enfatizando a sua ação como companhia de teatro experimental. Assim como analisar as trajetórias de atrizes que surgem em espetáculos montados para denunciar o racismo nos palcos brasileiros e posteriormente profissionalizam-se (SILVA, 2017). Também parece relevante iluminarmos a história do movimento negro, tomando como perspectiva o tempo da experiência democrática (FERREIRA & DELGADO, 2010) e do nacionalismo e reformismo radical (FERREIRA & AARÃO REIS, 2007).

A ligação de Léa Garcia com o ativismo negro e com os palcos é longa e atravessa toda a segunda metade do século XX. Vale sublinhar que ela subiu aos palcos em espetáculos montados para denunciar o racismo na década de 1950, posteriormente após profissionalizar-se como atriz de teatro, cinema e televisão, teve outras participações no campo do ativismo negro atuando no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras.

DA ATRIZ E DOS PERIÓDICOS

Segundo Tânia Regina de Luca (2005, p. 111-112), o uso de periódicos, em pesquisa histórica, reflete as inovações historiográficas trazidas pela terceira geração dos Annales, na década de 1970. Nesse momento são adotados novos métodos de análise e crítica aos documentos históricos, e surgem novas concepções e perspectivas sobre as fontes jornalísticas. Na esteira das inovações historiográficas surgem novos problemas, novos objetos e novas abordagens (LE GOFF e NORA, 1988).

Os periódicos deixam de ser documentos de status inferior e tornam-se fontes históricas privilegiadas para o estudo da história do tempo presente, mormente dos eventos ocorridos após o fim da Segunda Guerra Mundial (FERREIRA, 2012). Para Marialva Barbosa, os periódicos são fontes para a observação dos grupos dominantes, no interior do jogo político, mas também para elementos do cotidiano social. Como qualquer fonte histórica, o conteúdo dos periódicos não registra a verdade, mas aspectos de um evento ou conjuntura passíveis de cotejo e comparação com outras fontes, para a posterior análise (BARBOSA, 1998, p. 88). Assim deve o historiador estar atento aos silêncios e omissões e problematizar a suposta objetividade e imparcialidade deste documento, assim como se faz em todas as fontes. Orientados por essa perspectiva metodológica analisamos 69 recortes de periódicos, publicados em mais de vinte instituições da imprensa. Os documentos variados – sobre a

memória pública do TEN, nos quais há menções à atriz Léa Garcia, entre o período de 1952 a 1957 – foram doados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro Brasileiros, do Rio de Janeiro (IPEAFRO-RJ)² ao Grupo de Estudos Históricos do Amazonas da Universidade do Estado do Amazonas (GEHA/UEA).

Em função dos limites deste artigo e da grande quantidade de recortes de periódicos centraremos a nossa análise em alguns aspectos das participações de Léa Garcia em *Rapsódia Negra*, *O filho pródigo*, *Festival O’Neill* *Sortilégio*, motivados pela compreensão do lugar possível para uma atriz negra em um lócus racializado, os palcos dos teatros brasileiros.

O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi uma das estratégias de luta do movimento negro brasileiro, assim como outras entidades, surgidas para resolver os problemas decorrentes da discriminação racial, que os atinge em todas as áreas (DOMINGUES, 2007, p. 101-110). O TEN surge em um ambiente cultural, da primeira metade do século XX, no qual havia pouca presença de atores negros. Suas



Arizela Serafim e Marina Gonçalves, co-fundadoras do TEN, ensaiando o papel da "velha nativa" em *O Imperador Jones*, de Eugene O’Neill, com estréia no Teatro Municipal (RJ), em 1945.

Figura 2 - O Imperador Jones.

Fonte: Nascimento, Abdias (2004).

discriminação racial, que os atinge em todas as áreas (DOMINGUES, 2007, p. 101-110). O TEN surge em um ambiente cultural, da primeira metade do século XX, no qual havia pouca presença de atores negros. Suas

atuações eram limitadas a pequenas cenas em papéis irrelevantes. Também era comum a prática da black face para interpretar os poucos personagens negros. Em 1943, Abdias Nascimento³ teria ficado impactado ao assistir a uma apresentação em Lima, Peru, de O Imperador Jones, do autor Eugene O’Neill na qual o personagem principal era interpretado por um branco pintado de preto. Em decorrência desta experiência, “consciente das restrições raciais existentes nos palcos brasileiros, Abdias Nascimento parte para combatê-las por uma ação concreta, o teatro” (SILVA, 2014, p. 184), um teatro onde o negro seria protagonista, como “sujeito e herói das histórias que interpretasse” (NASCIMENTO, 2004, p. 210). O TEN foi fundado então em 13 de outubro de 1944, para “resgatar os valores da pessoa humana e da cultura negro-africana”, desprezado desde a colônia, por uma sociedade que seguia preconceitos europeus de superioridade. O TEN pretendia valorizar o negro, usando para isso a educação, a cultura e a arte.

Também não existiam peças nacionais que atendessem aos propósitos do TEN, que refletisse a “dramática situação existencial” do negro brasileiro (NASCIMENTO, 2004, p. 212-214). O Imperador Jones surgiu como única opção, e Abdias escreveu uma carta para Eugene O’Neill, “que autorizou a montagem. Em 8 de maio de 1945, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, “onde antes nunca pisara um negro como intérprete ou público”, concedido por uma única noite por intervenção direta do presidente Getúlio Vargas, viu um ator negro interpretar o personagem principal. Segundo Abdias Nascimento, o “clima de pessimismo e descrença dos meios culturais” (2004, p. 214) foi substituído pela ovação da crítica.

Além de outras peças de O’Neill, o grupo também apresentou peças de autores brasileiros (idem, p. 215-221), inclusive do próprio Abdias, sempre focando na questão racial e nos elementos da cultura afro-brasileira. Entretanto, o Teatro Experimental do Negro se propôs atuar a favor dos afro-brasileiros discriminados não só no cenário artístico, mas em todos os aspectos da sociedade brasileira. Assim, o TEN organizou diversas ações de combate ao racismo e afirmação do negro, como a Convenção Nacional do Negro, o jornal Quilombo, e o concurso do Cristo Negro (idem, p. 221-223). Todas essas ações foram paralisadas com a ditadura militar, e o TEN foi encerrado em 1968, quando Abdias se exilou nos Estados Unidos (DOMINGUES, 2007, p. 110).



Quando uma atriz negra torna-se um personagem?



Figura 3 Leôncio (Rubens de Falco) e Rosa (Léa Garcia) em cena da novela *A Escrava Isaura* (1976). Imagem: Acervo/Globo.

Léa Lucas Garcia de Aguiar⁵ nasceu no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1933, filha de José dos Santos Garcia e Stella Lucas Garcia. Após o falecimento de sua mãe, aos onze anos, foi morar com a avó materna, na casa dos Godoy, uma rica família da zona sul carioca. Profundamente influenciada pelo ambiente de riqueza, Léa se sentia afastada da realidade racial ao seu redor. Com dezesseis anos, quando sonhava em ser escritora, conheceu a atriz Ruth de Souza⁶, que teria falado a seu respeito com Abdias Nascimento. Após conhecê-la, Abdias Nascimento, fundador e diretor do Teatro Experimental do Negro, iniciou os seus argumentos para convencê-la a ser atriz. Deste contato teve início um relacionamento amoroso e, posteriormente, o estabelecimento do que hoje se denomina união estável. O relacionamento durou três anos e gerou dois filhos. Posteriormente, Léa Garcia teve um terceiro filho de outro

relacionamento.⁷

Na década de 1950, Léa Garcia atuou em sete montagens do TEN dirigida por Abdias Nascimento, no Rio

de Janeiro e em São Paulo. Os espetáculos foram, a saber: Rapsódia Negra (1952), roteiro de Abdias Nascimento; O Filho Pródigo, de Lúcio Cardoso (2ª montagem em 1953 e 3ª montagem em 1955); Festival O'Neill, com cenas de Todos os filhos de Deus têm asas e O Imperador Jones, e Onde está marcada a cruz na íntegra (1954), de Eugene O'Neill; e Sortilégio (Mistério Negro) (1957), de Abdias Nascimento. Em 1956, participa de Orfeu da Conceição de Vinícius de Moraes e direção de Léo Jusi, sua primeira atuação profissional. Em 1960, ainda atua, com o TEN, em O sapo e a estrêla, de Hermínio Borba Filho.⁸

Desde então, Léa tem atuado no cinema, teatro e televisão, em uma longa carreira com um pouco mais de seis décadas. Um de seus personagens mais conhecidos na televisão foi a escrava Rosa na novela A escrava Isaura (1975), da TV Globo, exibida em dezenas de países. Também conhecida internacionalmente é a atuação em seu primeiro filme, Orfeu do Carnaval (1957), dirigido por Marcel Camus, pelo qual ficou em segundo lugar como Melhor Atriz no Festival de Cinema de Cannes. Venceu vários prêmios, como o Kikito de Melhor Atriz no Festival de Gramado por Filhas do Vento, em 2004, o Tatu de Prata de Melhor Atriz por Memórias da Chibata, na Jornada Internacional de Cinema da Bahia, em 2007, Melhor Atriz no Festival de Natal por Dias Amargos, em 2009. Recebeu também diversas homenagens, como a Medalha Pedro Ernesto, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em 1994; a Medalha Comemorativa de 110 anos de fundação da Academia Brasileira de Letras como Personalidade Realizadora do País, em 2007; o Golfinho de Ouro, na categoria Cinema, do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, em 2007; e Menção Honrosa no Festival de Gramado, em 2008, por Hoje tem Ragu.⁹

Ao longo da segunda metade do século XX os atores negros só conseguiam papéis na TV quando era especificada a raça do ator; e mesmo em tais situações as falas de seus personagens eram cortadas, não recebendo destaque. Durante sua carreira, a atriz Léa Garcia também deparou-se com essas situações e buscou estratégias para lidar com o racismo constatado. Tornou-se conhecida pelos "olhos tristes" na televisão, segundo ela, resultados de quando a cena era sua, mas não lhe davam direito de fazê-la por completo, sofrendo corte, sem poder interpretar, por não haver aceitação da imagem negra. Além disso, era notável a diferença salarial entre atores negros e brancos.¹⁰

As restrições para a sua atuação talvez explique sua opção em conciliar a arte com o funcionalismo público no Ministério da Saúde, ocupando o cargo de agente administrativa. Trabalhou com teatro terapêutico com os pacientes no Hospital Pinel, no Rio de Janeiro. Na década de 1980, ingressou no Instituto de Pesquisa das Culturas Negras (IPCN)¹¹, onde foi membro da diretoria desta entidade.¹²

A longa trajetória de Léa também cobre o período como conselheira do Conselho de Cultura do Estado do Rio de Janeiro (1999-2001) e a eleição em 2010 para a direção artística do Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos e Direções (SATD). Como roteirista de cinema, associada no Sindicato dos Técnicos da Indústria Cinematográfica (STIC), Léa Garcia também é autora do longa-metragem Aconteceu no Rio de Janeiro, adaptação cinematográfica de quatro contos de ficção de autores brasileiros, e o média-metragem Dublê de Ogum, baseado em conto homônimo.¹³

MULHER, GÊNERO E HISTÓRIA

São as atrizes negras personagens relevantes ao ponto de suas trajetórias revelarem aspectos da contribuição social, política e cultural do negro para a formação histórica e social brasileira? Quando uma mulher negra torna-se personagem histórico? Até o século XX, a mulher foi excluída do campo histórico. Segundo Mary Del Priore, da antiguidade ao homem moderno, argumentos cosmológicos, ontológicos e da razão, justificavam a diferença entre os sexos. Estudava-se o "homem", e pretendia ver-se nele um sujeito universal, mas obviamente isso não era verdade. A mulher era relegada ao espaço privado, o lar, a família, e apenas aos homens era dado o espaço público, o político, que era estudado em fontes onde mulheres raramente apareciam (DEL PRIORE, 2014, p. 217-219).

Rachel Soihet e Joana Maria Pedro constatam que com os Annales, a partir de 1929, a historiografia se abriu para novas fontes e para as pessoas comuns, permitindo que mulheres fossem incorporadas posteriormente; enquanto isso, as teorias marxistas, tinham questões étnicas e de sexo como menores diante da grande contradição, a luta de classes. Dentre as transformações pelas quais passou a história esteve o desenvolvimento da história das mentalidades e da história cultural, que juntas com a interdisciplinaridade,

permitiram avanços na abordagem dos estudos sobre as mulheres (SOIHET e PEDRO, 2007, p. 284-286).

Com o movimento feminista no final da década de 60, nos Estados Unidos e em outros países, autoras feministas se lançaram a escrever a história das mulheres e dar voz a essas personagens afastadas da discussão histórica. Procurou-se mostrar como a mulher foi relegada a um lugar desprivilegiado historicamente, e mostrar essa “história vinda de baixo”, da participação feminina na história da humanidade (DEL PRIORE, 2014, p. 220). Para Soihet e Pedro, a História das Mulheres então mostrou a inexistência desse sujeito humano universal. Ao mesmo tempo em que evidenciou em que medida as fontes tradicionais eliminavam as mulheres e como elas também influenciavam os eventos e agiam no espaço público. Historiadores criaram a noção de “mulher” como homogênea, sendo “pessoas biologicamente femininas que se moviam em papéis e contextos diferentes, mas cuja essência não se alterava”, noção esta que foi apropriada pelo movimento feminista em seu discurso político (SOIHET E PEDRO, p. 286-287, 2007).

A adoção da categoria gênero, como uma ferramenta mais abrangente para iluminar as relações sociais, supera a perspectiva apresentada pela História das Mulheres. O gênero passou a ser percebido como um dos três eixos de exclusão do poder, junto à classe e raça. A situação de desigualdade da mulher já estava clara, mas entender porque e como isso acontecia, foi uma contribuição da categoria gênero. A partir do manejo desta categoria relacional, “a divisão sexual dos papéis” passou a ser “sublinhada” (DEL PRIORE, 2014, p. 225). A perspectiva aberta sob o prisma dos estudos das relações de gênero passou a identificar a mulher e “nomeá-la, reconhecê-la e compreender em que circunstâncias, nem sempre evidentes, ela foi espoliada na sua relação oficial com o mundo masculino” (idem). O gênero é uma construção social, e, assim sendo, é algo cultural: “homens e mulheres tornavam-se o produto de um processo de aculturação, eles eram, por assim dizer, fabricados e não nasciam como se apresentavam socialmente” (idem, p. 232). Analisar as relações sociais a partir do uso da categoria gênero nos permite ver que essas distinções baseadas no sexo não são naturais, mas cada cultura construiu modos particulares de excluir a mulher da participação pública e de legitimar essa exclusão. Permite ainda ver as relações entre mulheres e homens, pois é impossível tentar compreendê-los totalmente em separado (SOIHET & PEDRO, 2007, p. 288-289).

Nas matérias publicadas sobre a atuação do TEN e de Léa Garcia é possível identificarmos os olhares racializados e generificados dos espectadores privilegiados, os críticos, ao exporem suas concepções sobre as peças e a atuação de Léa Garcia.

DE RAPSÓDIA NEGRA AO FESTIVAL O'NEILL

Para a atuação de Léa Garcia, no período de 1952 a 1955, abrangendo as montagens de Rapsódia Negra, O filho pródigo e Festival O'Neill, umachave de leitura parece ser o não lugar da atrizes negras e do atores negros. Léa Garcia é adjetivada como uma “bonita crioulinha”, possuidora de “aplomb”, confiança, ousadia, segurança, contudo má cantora. Sua autoimagem positiva, sobre o seu desempenho como atriz, não corresponderia à realidade. Para um dos seus críticos era uma belíssima figura, com interpretação crua, para outro uma atriz expressiva.

De autoria de Abdias Nascimento, Rapsódia Negra, de 1952, é a estreia de Léa Garcia no TEN. Abdias Nascimento, escrevendo décadas depois, destaca o lançamento de Léa, atriz de grande destaque, “cuja arte de interpretação continua a enriquecer a vida cultural do país” (NASCIMENTO, 2004, p. 219).

Uma das matérias mais antigas entre os recortes de periódicos doados pelo IPEAFRO-RJ ao GEHA-UEA não apresenta identificação de autoria e expõe a iniciativa de Abdias Nascimento em Rapsódia Negra. Segundo o articulista, a peça, em exibição no Acapulco, apresenta “uma espécie de antologia do folclore das três Américas, incluindo motivos brasileiros, haitianos, cubanos e até norte-americanos”, o que para o autor do artigo resultou em uma “verdadeira colcha de retalhos”.¹⁴

O espetáculo parece não ter sido bem recebido pelo autor não identificado. Apesar de a peça ser longa e cansativa, alguns números salvaram o espetáculo do fracasso total, assim como a atuação de artistas de rádio. O espetáculo era “pobre, mal vestido e mal ensaiado”. Sobre a jovem atriz estreante, o autor não identificado destaca sua beleza e presença. “Léa Garcia é uma bonita crioulinha, tem ‘aplomb’¹⁵ e está muito graciosa como rainha do Maracatu”. Em relação à sua atuação observa, “mas, como canta mal! A sua ‘Mãe Preta’ é de amargar!”

A nota final pede a Xangô que ajude as iniciativas de Abdias, pois “o moço tem peito. E há de mostrar, algum dia, do que é capaz”.¹⁶

O filho pródigo, de Lúcio Cardoso¹⁷, primeira peça nacional escrita diretamente para o TEN, a partir da parábola bíblica, foi apresentada inicialmente em 1947 (NASCIMENTO, 2004, p. 219), mas Léa Garcia veio a participar da segunda e terceira montagem. A matéria “O Filho Pródigo”, na coluna de Décio de Almeida Prado¹⁸, apresenta sua crítica ao teatro brasileiro por não ter qualidade literária. Segundo ele, na década anterior, poetas e romancistas começaram a escrever peças, que não alcançaram os palcos pela prudência dos empresários. A partir disso, pergunta como Lúcio Cardoso escreveu “um monumento de literalice, em que não há um sentimento, uma idéia que não venha revestida de uma crosta espessa e impensável de literatura”. O articulista indaga qual é a verdadeira condição dos negros, e como aproveitá-los literariamente. Sua resposta: “basta dar propositada e desdenhosamente as costas a toda e qualquer realidade humana e psicológica”, assim “toda peça negra deve ser de preferencia poeticae, se possível, biblica”. A penúltima frase do texto, entre parênteses, traz seu comentário sobre Léa Garcia. O defeito da atriz é “se julgar uma grande tragica, coisa que, quando a gente pensa que é, não deve demonstrar a ninguém”¹⁹. O crítico parece ater-se mais a uma suposta autoimagem da atriz e menos no seu desempenho sobre o palco.

No ano de 1954, o Teatro Experimental do Negro homenageou o autor americano recém-falecido, Eugene O’Neill, com o Festival O’Neill, apresentado no Teatro Dulcina²⁰, como destaca um artigo de Sábado Magaldi²¹. A homenagem deve-se especialmente porque o autor concedeu os direitos de O Imperador Jones e Todos os filhos de Deus têm asas, no início das atuações do TEN. O espetáculo teve cenas dessas duas peças e o drama em um ato, Onde está marcada a cruz. Magaldi²² afirma que o espetáculo foi fraco. As cenas das duas primeiras peças foram fraquíssimas. Tanto Abdias quanto Léa Garcia “não conseguiram nada em Todos os filhos de Deus têm asas.” A matéria também destaca a beleza da atriz, “Léa Garcia é uma figura belíssima”. Entretanto, continua o comentário, “em matéria de interpretação está ainda muito crua e a mesma coisa continua acontecendo com o veterano Abdias Nascimento”²³. As críticas de Sábado talvez não mereçam o relevo histórico, não fosse as significativa presença de referências de uma visão racializada sobre os atores sociais envolvidos naquele festival.

Sábado revela seu desencanto com a atuação dos atores negros e o seu deslocamento para o não lugar. Sobre o desempenho de Abdias Nascimento sua narrativa parece indicar a visão de um comportamento atávico, característico dos negros. Ao mesmo tempo as experiências com ensaios, montagens, leituras, direção, não o teria levado a profissionalizar-se. Segundo o articulista, Abdias Nascimento “não possui mais a espontaneidade dos homens de sua raça, nem atingiu, pelo aprendizado, o domínio do ‘métier’ de ator”.²⁴ O cotejo desta fonte nos leva indagar em que medida as avaliações de Sábado Magaldi estão contaminadas pela sua visão racializada.

Para o articulista as apresentações do TEN não despertariam o mesmo interesse da fase anterior do grupo, na década de 1940. Embora não ficasse plenamente satisfeito com o desempenho do grupo, o caráter atávico lhes daria o tom qualitativo: “não sentimos, mesmo entre os componentes do grupo, a marca daquelas interpretações, algumas vezes incertas, mas que se tornavam ‘bem’, porque eram criações espontâneas e encantavam pelo sabor do primitivo”.²⁵

Magaldi define Abdias Nascimento como alguém que opera um deslocamento na direção de uma lamentável sofisticação. Chama atenção a escolha da palavra e o modo de registrá-la. “Agora não, Abdias, que sempre foi muito ‘branco’ está sofisticando os seus elementos, o que é uma pena.” Parece haver um certo tom de ironia ao adjetivar de branco, entre aspas, um líder do ativismo negro. “Dentre os que tomaram parte, nesse festival, foi Jorge Aguiar, o famoso ‘Pão’ de Botafogo, o melhor. Estêve excelente na dança do Feiticeiro do Congo, em ‘Imperador Jones’.” A continuação do comentário é igualmente significativa sobre como deveria ser o espetáculo e parece demonstrar uma visão racializada dos artistas negros, dando como marcas aceitáveis o exotismo e o primitivo. O crítico encerra elogiando a encenação da terceira peça do Festival, Onde está marcada a cruz.²⁶

Um recorte de autor não identificado, de 23 de julho de 1955, apresenta a terceira montagem de O Filho Pródigo, e afirma que o TEN é “uma verdadeira expressão da cultura e da arte dramática em nosso país”, e, elogia o modo como Abdias do Nascimento tem dirigido a equipe para o sucesso. A matéria trata sobre a apresentação

da peça no Teatro Carlos Gomes, em homenagem ao XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Elencando os personagens e intérpretes, observa ser a atuação de Léa Garcia, como Aíla, “muito expressiva”. Ainda repete a recomendação de Dom Helder Câmara, secretário geral do Congresso Eucarístico Internacional. O arcebispo teria dito sobre o TEN: “uma das maiores realizações do teatro brasileiro, é a mais feliz das afirmações das possibilidades do negro no campo da cultura”. E que O Filho Pródigo permitirá “mais uma forte interpretação teatral por parte de Abdias e de seus companheiros”.²⁷

SORTILÉGIO: UM CASO EMBLEMÁTICO

Sortilégio (Mistério Negro), primeira peça escrita por Abdias Nascimento, parece um caso emblemático para pensarmos a dimensão teatral do TEN e a atuação de Léa Garcia. E revelar aspectos do ambiente político e cultural vivido pelos integrantes do Teatro Experimental do Negro, especialmente a censura e seu papel limitador, restringindo a apresentação da peça desde o início da década de 1950. Assim como as críticas a sua montagem, ora negativas, acusando-a de racista, ora positivas, enfatizando a sua relevância. Os comentários sobre a atuação e desenvoltura nos palcos da atriz Léa Garcia, em sua maioria são favoráveis. Ao mesmo tempo revelam visões de alguns críticos sobre a mulher negra, com suas concepções sexistas, sobre o lugar da atriz.

Uma amostra da importância da peça pode ser percebida na leitura do artigo de Nelson Rodrigues²⁸, “Abdias: o negro autêntico”, admirado por sua “irredutível consciência racial”²⁹. O autor imagina que alguns críticos da nova geração irão dizer que o problema racial não existe no Brasil, mas apenas “a obtusidade pétrea ou a má-fé cínica poderão negá-lo”. O “preto brasileiro” não é perseguido nas ruas, como nos Estados Unidos, mas seria vítima de humilhações, de desprezo disfarçado de falsa cordialidade, assim sendo Rodrigues considera “o branco brasileiro um dos mais racistas do mundo”. Discorrendo sobre Sortilégio, o autor aponta para um descompasso entre a validade e qualidade da peça e os críticos, que não vão entendê-la. Os críticos, “burros”, irão “se atirar contra” a peça, “mas nada impedirá que o mistério negro entre para a escassa história do drama brasileiro”. Este foi um dos muitos artigos da época, revelador do impacto da montagem de Sortilégio na cena cultural brasileira.

No artigo “Sortilégio: o milagre do Teatro Negro que fez explodir polêmicas e paixões”, Ewaldo Dantas Ferreira³⁰ repercute a estreia de Sortilégio durante uma grande greve na capital paulista, o que não atrapalhou a chegada do público. O texto relembra os “choques com a censura”, a reação dividida da crítica carioca à montagem, “racista – foi a menor das acusações” sobre Abdias “que procurou deslindar à frente das platéias a intimidade da tragédia que o negro vive até mesmo no Brasil, depois de superados tantos preconceitos”. A seção “Uma noite agitada” relata as dificuldades logísticas para a montagem e realização da peça no teatro paulista, pois os materiais que vinham do Rio de Janeiro chegaram apenas um dia antes da estreia. Duas faltas eram especialmente notórias: um sonoplasta e da “artista loura cujo personagem centraliza as atenções da peça só de personagens negros”. Já na seção “O espetáculo”, a matéria explica que encontraram um bom sonoplasta e uma atriz substituta para a personagem branca do espetáculo, e o autor elogia a cena desta com Abdias e Léa Garcia, “a artista negra que apareceu pela primeira vez ante os paulistas, desenvolvendo um trabalho consagrador”. Ainda sobre Léa Garcia, afirmou: mostrou ser “uma artista absolutamente excepcional, de um talento raro no teatro brasileiro.” Na parte final, “Os resultados”, com exceção da parte financeira, Ferreira comenta os resultados favoráveis da encenação, a direção, os artistas e até os cenários, que continuam expostos na Primeira Bienal de Teatro, durante a IV Bienal de Arte Moderna de São Paulo. O repórter encerra falando das “consequências que se estenderam até o amago dos espíritos de muitas pessoas que estavam na assistência, chegando mesmo a influenciar decisões de vida”, segundo afirmação de Abdias Nascimento.³¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a trajetória de Léa Garcia nas matérias que destacam seu papel no TEN, podemos dividir esses recortes em dois grupos. O primeiro grupo é dos críticos laudatórios e os antagônicos à sua atuação. O autor desconhecido de “Prece a Xangô para que ajude Abdias”, comentando que ela cantou mal em sua estreia nos teatros, em Rapsódia negra, em 1952; Décio Prado, sobre O filho pródigo, de 1953, diz que seu defeito é se achar uma grande trágica; Sábato Magaldi considera em 1954, no Festival O’Neill, que sua interpretação “está

ainda muito crua”, enquanto no ano seguinte, outro autor não identificado diz ser Léa “muito expressiva”, na terceira montagem de *O filho pródigo*. Na ocasião da estreia de *Sortilégio*, Ewaldo Ferreira menciona Léa Garcia como “uma artista absolutamente excepcional, de um talento raro no teatro brasileiro”. Nota-se que as críticas positivas tornam-se mais comuns à medida que a atriz amadurece e se aproxima do fim da fase experimental. Mas, é possível perguntar: será que o contexto histórico havia mudado, por causa das lutas do movimento negro, que conquistava espaço, pautando mudanças na forma que a atriz e o teatro negro eram vistos?

Entretanto, há um segundo grupo de recortes, onde os críticos, ao desenvolverem o seu trabalho, revelam as concepções desses atores sobre o lugar da mulher negra. Nesses, observa-se que nas matérias sobressai o corpo da atriz, como uma “figura belíssima” (Magaldi) e com “magnetismo sexual e animal” (Prado). As definições sobre a beleza parecem atenuar a avaliação negativa da atuação de Léa Garcia. Vale sublinhar um aspecto revelador das relações de gênero. Nenhuma das matérias apresenta referências similares aos homens que atuam nas peças. Tais palavras parecem evidenciar a reificação do corpo feminino negro e as hierarquias de gênero presentes na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALMADA, Sandra. *Damas Negras: sucesso, lutas, discriminação*. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. pp. 73-132.
- BARBOSA, Marialva. *Jornalismo e História: um olhar e duas temporalidades*. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos das; MOREL, Marcos (Org.). *História e Imprensa: homenagem a Barbosa Lima Sobrinho – 100 anos*. Anais do Colóquio. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação/Secad. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana*. Brasília: 2004.
- DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.) *Historiografia brasileira em perspectiva*. 7. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014. p. 217-235
- DOMINGUES, Petrônio. *Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos*. Revista Tempo, Niterói, 2007, vol. 12, n. 23, p. 100-122.
- FERREIRA, Jorge & AARÃO REIS, Daniel. *As esquerdas no Brasil: Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2007.
- FERREIRA, Jorge & DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe de 1964*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2010.
- FERREIRA, Marieta de Moraes, “História oral velhas questões, novos desafios” In VAINFAS, Ronaldo e CARDOSO, Ciro. *Novos domínios da história*. Elsevier-Campus, Rio de Janeiro, 2012.
- LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (orgs.). *História: novos problemas, novas abordagens, novos objetos* (3a. ed.). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. 3 volumes.
- LUCA, Tânia Regina. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. P. 111-153.
- NASCIMENTO, Abdias. *Teatro Experimental do Negro – Trajetória e reflexões*. Estudos Avançados. São Paulo, USP, v. 18, n. 50, jan./abr. 2004. P. 209-224.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. *Abdias Nascimento – grandes vultos que honraram o Senado*. Brasília: Senado Federal, 2014.
- SILVA, Júlio Claudio da. *História da constituição do Teatro Experimental do Negro: objetivos, desafios e perspectivas dos atores negros na década de 1940*. In: ABREU, Martha; DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe (org.). *História do Pós-abolição no mundo Atlântico*. Volume 3. Niterói: Editora da UFF, 2014. P. 179-194
- SILVA, Júlio Cláudio da. *Uma estrela negra no teatro brasileiro: relações raciais e de gênero nas memórias de Ruth de Souza. (1945-1952)*. (Edição revisada e atualizada) UEA Edições, Manaus. 2017.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero*. Revista Brasileira de História, v.27, n.54, dezembro de 2007. P. 281-300

RESUMO

Este artigo analisará alguns aspectos da História do Movimento Negro, especificadamente do Teatro Experimental do Negro (TEN), não a partir de suas lideranças masculinas, mas da trajetória da atriz de teatro, cinema e televisão, Léa Garcia. Léa Garcia nasceu em 1933, no Rio de Janeiro, e iniciou sua atuação artística em espetáculos do TEN montados para denunciar o racismo nos palcos brasileiros. Após profissionalizar-se segue a carreira de atriz de teatro, cinema e televisão até os dias atuais. Para a elaboração deste artigo analisamos os recortes de periódicos doados pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO-RJ) ao Grupo de Estudos Históricos do Amazonas da Universidade do Estado do Amazonas (GEHA/UEA).

PALAVRAS CHAVE: Raça, Gênero, Léa Garcia, Teatro Experimental do Negro.

-
- 1* Neste artigo apresentamos resultados parciais do projeto de pesquisa “A trajetória de Léa Garcia no Teatro Experimental do Negro (1952-1956)”, financiado com bolsa de produtividade da Universidade do Estado do Amazonas, de acordo com o que estabeleceu a portaria 500/2016. O desenvolvimento do referido projeto contou com a competente e dedicada atuação do pesquisador César Aquino Bezerra, ligado ao referido projeto através do projeto A trajetória de Léa Garcia no Teatro Experimental do Negro (1952-1956) desenvolvido no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Amazonas.
 2. O IPEAFRO foi fundado em 1981, por Abdias Nascimento, na PUC-SP, como um setor de estudos e pesquisas afro-brasileiras e uma biblioteca especializada a partir do acervo de Abdias. Em 1984, a instituição se transfere para o Rio de Janeiro. Elisa Larkin Nascimento é diretora presidente do IPEAFRO. Disponível em <<http://ipeafro.org.br/ipeafro/historico>>. Acesso em 1 de setembro de 2017.
 3. Abdias Nascimento nasceu em Franca, São Paulo, em 14 de março de 1914, e faleceu no Rio de Janeiro, em 24 de maio de 2011. Atuou de diversas formas contra o racismo e a segregação e por maiores oportunidades ao negro brasileiro. Foi filiado ao PTB, e mesmo após o golpe civil militar, participou da fundação do PDT. No exílio nos Estados Unidos, foi professor universitário e artista plástico reconhecido. Pelo Rio de Janeiro, foi deputado federal (1981-1986) e senador (1991-1992, 1997-1999), atuando a favor dos afrodescendentes. No Rio de Janeiro, na década de 1990, assumiu as secretarias estaduais de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras e de Cidadania e Direitos Humanos. Recebeu diversos prêmios e honrarias, além de doutorados honorários (NASCIMENTO, 2014, p. 11-14).
 4. Eugene O’Neill (1888-1953) foi um dramaturgo americano. Vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1936 e de vários Prêmios Pulitzer. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Eugene_O’Neill>. Acesso em 16 de agosto de 2017.
 5. Dados biográficos coletados na entrevista de Léa Garcia a Sandra Almada, para o livro “Damas Negras: sucesso, lutas, discriminação”. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. P. 73-132.
 6. Ruth de Souza nasceu em 1921, no Rio de Janeiro. Estreou no TEN em O Imperador Jones, em 1945. Atriz pioneira e reconhecida, foi a primeira brasileira indicada ao prêmio de melhor atriz no Festival de Veneza em 1954. Em sua longa carreira, até o século XXI, atuou em teatro, televisão e cinema. (SILVA, 2017).
 7. Segundo Elisa Larkin Nascimento (2014), os dois filhos de Abdias e Léa foram Henrique Cristóvão Garcia do Nascimento e Abdias do Nascimento Filho (Bida). O terceiro filho da atriz é Marcelo Garcia de Aguiar.
 8. Léa Garcia. IPEAFRO. Disponível em <<http://ipeafro.org.br/personalidades/lea-garcia/>>. Acesso em 16 de maio de 2017.
 9. Curriculum Vitae de Léa Garcia. Acervo Privado Léa Garcia/Grupo de Estudos Históricos do Amazonas.
 10. Entrevista de Léa Garcia a Sandra Almada.
 11. O IPCN foi fundado no Rio de Janeiro, em 1976, como uma das ações antirracistas no período da ditadura militar, anterior ao surgimento do Movimento Negro Unificado (DOMINGUES, 2007).
 12. Entrevista concedida por Léa Garcia a Sandra Almada, para o livro “Damas Negras: sucesso, lutas, discriminação”. Rio de Janeiro: Mauad, 1995. P. 73-132.

13. Léa Garcia. IPEAFRO. Disponível em <<http://ipeafro.org.br/personalidades/lea-garcia/>>. Acesso em 16 de maio de 2017.
 14. Sem autor identificado. Prece a Xangô para que ajude Abdias. Última Hora, [s. l.], 31 de julho de 1952. Teatro.
 15. Do francês aplomb. Segurança, confiança. Arrogância; ousadia. Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Disponível em <<http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aplomb>>.
 16. Sem autor identificado. Prece a Xangô para que ajude Abdias. Última Hora, [s. l.], 31 de julho de 1952. Teatro.
 17. Lúcio Cardoso (1913, Curvelo, MG - 1968, Rio de Janeiro) escreveu poesias e romances, e também para teatro e cinema. Após um derrame, dedicou-se à pintura. BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
 18. Décio de Almeida Prado (1917, São Paulo – 2000, São Paulo) foi crítico teatral, historiador do teatro e professor da USP. FÁRIA, João Roberto. Décio de Almeida Prado, um dos principais críticos teatrais do País, completaria 100 anos. Estadão. Disponível em <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/teatro-e-danca,decio-de-almeida-prado-um-dos-principais-criticos-teatrais-do-pais-completaria-100-anos,70001933420>>. Acesso em 1 de setembro de 2017
 19. PRADO, Décio de Almeida. O Filho Pródigo. O Estado de São Paulo, São Paulo, 14 de maio de 1953. Palcos e Circos.
 20. Segundo o registro de um panfleto de divulgação, o Festival O’Neill ocorreu no dia 11 de janeiro de 1954.
 21. Provavelmente, trata-se de Sábato Magaldi, conhecido crítico teatral carioca. O recorte do jornal, talvez devido a uma falha na impressão, mostra “SabatoMagaian”.
 22. Sábato Magaldi (1927, Belo Horizonte – 2016, São Paulo) foi um dos principais críticos teatrais do Brasil. Foi autor de 15 livros sobre o teatro brasileiro, professor da USP, secretário municipal de Cultura e membro da Academia Brasileira de Letras. ROVERI, Sérgio. Morre, aos 89 anos, o crítico de teatro Sábato Magaldi. Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1791966-morre-aos-89-anos-o-critico-de-teatro-sabato-magaldi.shtml>>. Acesso em 1 de setembro de 2017.
 23. MAGALDI, Sábato. “O’Neill pelo Teatro do Negro.” Diário Carioca, Rio de Janeiro, 19 de janeiro de 1954. Teatro.
 24. MAGALDI, Sábato. Idem.
 25. MAGALDI, Sábato. Idem.
 26. MAGALDI, Sábato. Idem.
 27. Sem autor identificado. “O Filho Pródigo”. Teatro. Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1955.
 28. Nelson Rodrigues (1912, Recife – 1980, Rio de Janeiro), começou sua carreira jornalística aos treze anos, no Rio de Janeiro. Trabalhou em diversos periódicos, escreveu os mais diversos gêneros, e estreou no teatro em 1941. Também escreveu para a televisão e o cinema. Disponível em <<http://www.nelsonrodrigues.com.br/site/materia.php?t=n&c=4&i=15>>. Acesso em 11 de agosto de 2017.
- Abdias Nascimento (2004) diz que Rodrigues é o autor que divide o teatro brasileiro entre antigo e moderno. O dramaturgo escreveu “Anjo Negro” diretamente para o TEN.
29. RODRIGUES, Nelson. “Abdias: o negro autêntico.” Última Hora, [s. l.], 26 de agosto de 1957.
 30. Ewaldo Dantas Ferreira (1926, Catanduva, SP - 2013, São Paulo) foi um importante jornalista, trabalhando em vários veículos da imprensa paulista, na chefia e como repórter. Morre o ex-presidente do SJSP, Ewaldo Ferreira, missa será no sábado. Jornalistas de São Paulo. Disponível em <http://sjsp.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4319:-morre-o-ex-presidente-do-sjsp-ewaldo-dantas-ferreira&catid=46:notas-comunicados>. Acesso em 1 de setembro de 2017.
 31. FERREIRA, Ewaldo Dantas. “Sortilégio: o milagre do Teatro Negro que fez explodir polêmicas e paixões.” Diário da Noite, São Paulo, 29 de outubro de 1957.

Publish Research Article

International Level Multidisciplinary Research Journal For All Subjects

Dear Sir/Mam,

We invite unpublished Research Paper, Summary of Research Project, Theses, Books and Books Review for publication, you will be pleased to know that our journals are

Associated and Indexed, India

- ★ Directory Of Research Journal Indexing
- ★ International Scientific Journal Consortium Scientific
- ★ OPEN J-GATE

Associated and Indexed, USA

- DOAJ
- EBSCO
- Crossref DOI
- Index Copernicus
- Publication Index
- Academic Journal Database
- Contemporary Research Index
- Academic Paper Database
- Digital Journals Database
- Current Index to Scholarly Journals
- Elite Scientific Journal Archive
- Directory Of Academic Resources
- Scholar Journal Index
- Recent Science Index
- Scientific Resources Database

Review Of Research Journal
258/34 Raviwar Peth Solapur-
413005, Maharashtra
Contact-9595359435

E-Mail-ayisrj@yahoo.in/ayisrj2011@gmail.com